
O que importa o que vem depois?

**[*Bruce Nauman: Disappearing Acts*,
Museum of Modern Art, Nova York]**

*Caroline Alciones de Oliveira Leite*¹

<http://dx.doi.org/10.22409/poiesis.1932.137-144>

Aberta ao público de 21 de outubro de 2018 a 18 de fevereiro de 2019, *Bruce Nauman: Disappearing Acts* é a exposição mais abrangente da produção do artista já realizada. A mostra, que esteve em exibição em Schaulager, Basel, entre março e agosto de 2018, foi organizada pelo Museum of Modern Art de Nova York e pela Laurenz Foundation, Schaulager Basel, por Kathy Halbreich (curadora da Laurenz Foundation e consultora do MoMA), com a participação de Heidi Naef, Isabel Friedli, Magnus Schaefer e Taylor Walsh.

¹ Caroline Alciones de Oliveira Leite é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ, na linha de pesquisa História e Teoria da Arte. É mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA) da Universidade Federal Fluminense, Niterói. E-mail: alcionesdol@gmail.com

A exposição dedica-se à questão da perda e do desaparecimento na obra de Bruce Nauman ao longo de seus 50 anos de produção, sendo apresentada em duas partes complementares, no Museum of Modern Art e no MoMA PS1.

Ao percorrer a mostra, uma obra em especial demandou nossa atenção – a instalação sonora *Days*. Com apresentação inaugural na Bienal de Veneza, Itália, de 2009 (Fig. 1), na qual Bruce Nauman foi o representante dos Estados Unidos, a obra foi adquirida em seguida pelo MoMA, tendo sido exposta em agosto de 2010 no terceiro andar do museu (Fig. 2). Na montagem atual, *Days* ocupa um amplo salão no sexto andar do MoMA sem janelas ou outras interferências externas, exceto por suas duas entradas.

A sala se faz extremamente ruidosa independentemente da quantidade de visitantes, independentemente de seu eventual silêncio. Em geral, as pessoas pareciam permanecer caladas, emudecidas e mesmerizadas diante do ruído incomum para um ambiente expositivo. Um ruído que, de início, não conseguíamos compreender do que se tratava e que se apresentava tão intenso quanto o branco insistente da sala. (Fig. 3)

De forma análoga ao branco que reúne em si todas as cores, o ruído se constitui por todas as possibilidades e potencialidades de sons. Tão caro a John Cage, tão observado por Raymond Murray Schafer, o ruído se aproxima da dimensão do silêncio quando, em seu auge, não é possível discernir som algum, como no exato instante em que chegamos à sala onde se encontra *Days*. O silêncio inaugurado pelo ruído, no entanto, perde seu lugar quando nos aproximamos mais e mais da obra e, através dela, nos colocamos em movimento.

Sete pares de placas brancas pendem do teto por cabos de aço e se apoiam ao piso da galeria em negras bases circulares, formando um grande corredor. Sete passos separam as placas de cada par que cantam, na mesma voz, os dias da semana em tempos distintos, descompassados e que, somente ocasionalmente, se encontram para, logo em seguida, se separarem outra vez. Entre um par e outro, aproximadamente sete passos outra vez, a depender do tamanho de nossas pernas ou da vontade de que o número sete permaneça em nossas contas.





Na direção de uma das entradas da sala, um par de placas recita os dias da semana de forma completamente aleatória – a voz de um homem repete os dias com tamanha veemência que parece querer convencer, por sua entonação, que aquela sequência, estranha ao que aprendemos ainda na infância e internalizamos em nosso cotidiano, é a ordem do dia, ou dos dias. Sete passos adiante, uma mulher parece imprimir igual seriedade a outra sequência, novamente diversa da habitual, como se o fato de entoá-la com tamanha eloquência fosse o suficiente para sustentar um novo ordenamento dos dias. A seguir, outro par de placas apresenta a voz de uma mulher calma, como se isso fosse o bastante para nos convencer de que tudo está bem: os dias estão embaralhados em uma nova sequência, diversa das duas anteriores e diversa também daquela que pensávamos conhecer.

Ao caminhar mais sete passos, um novo homem, igualmente calmo, pronuncia, moderadamente, seu próprio curso dos dias. Nossa escuta compreende uma espécie de ênfase no dia de sua preferência, como se aquele pudesse ser, quem sabe, o início de sua contagem ou, ao contrário, o fim daquela sequência de sete dias. A calmaria dá lugar à alegria contagiante da voz de uma criança. Uma voz que traz marcado o dia do Sol – *Sunday* – e consequentemente, todos os outros dias parecem ficar menores. Afinal, o dia do Sol é o dia das gargalhadas, das brincadeiras e do sorvete. O que importa o que vem depois? O que importa a segunda-feira quando se é criança? Essa constatação parece se banhar de uma sabedoria somente possível à inocência e à espontaneidade das crianças que se consolida no tom grave dos mais velhos, como a voz de um senhor, ao lado da criança, a transbordar, calmamente, os dias da semana, adiantando que, com o avançar das reflexões, a experiência se aproxima do fim. Nesta caminhada, mais um par de placas entoava a voz de uma mulher cujo tom de alerta parece nos advertir que não há fim – estamos em *loop*.

Um movimento de rotação que não cessa, os dias se sobrepõe incessantemente, um após o outro, demarcados pelo nascer do Sol e pela espera da Lua em todas as suas fases. O ritmo da natureza, a rotação e a translação da Terra em torno do Sol se encarregam de afirmar e reafirmar que a vida se dá ritmada e em *loop*.



Bruce Nauman embaralha uma certeza artificialmente forjada pelo homem – os dias da semana. Em muitas línguas, a denominação dos dias se deu a partir da denominação clássica dos planetas pela astrologia helenística. O artista põe em questão essa ordem que se repete ao longo dos tempos. As vozes de *Days* ecoam pela sala, atravessam nossos ouvidos e nossos corpos, e insistem, em seu espelhamento, em embaralhar aquilo tão cotidianamente organizado por séculos e séculos. Uma organização tão rígida quanto as placas brancas nas quais não há um único vestígio de imagem visual das vozes que entoam os dias da semana em *Days*.

O que importa o nome dos dias? Quem determina sua ordem? Seria possível pensar em dias com características próprias em uma cidade que vive sob o regime 24/7? O que importa o nome dos dias da semana para o público de um museu que abre todos os dias? Para um turista em Nova York e para um visitante no MoMA é como se todos os dias fossem domingo, independentemente, se faz sol, chuva ou se neva na cidade que nunca dorme.

Fig. 1 – Bruce Nauman, *Days*, 2009.
instalação na Bienal de Veneza, Itália, 2009.
(Fonte: https://www.speronewestwater.com/exhibitions/bruce-nauman_2/installations#2)

Fig. 2 - Bruce Nauman, *Days*, 2009.
instalação no Museum of Modern Art, Nova York
(Fonte: https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1057/installation_images/4826?locale=en)

Fig. 3 - Bruce Nauman, *Days*, 2009.
instalação na mostra *Bruce Nauman: Disappearing Acts*, Museum of Modern Art, Nova York
(Foto: Caroline Alciones de Oliveira Leite)

Bruce Nauman: Disappearing Acts,
em exposição no Museum of Modern Art, Nova York,
de 21 de outubro de 2018 a 18 de fevereiro de 2019.
Curadoria de Kathy Halbreich com Heidi Naef, Isabel Friedli,
Magnus Schaefer e Taylor Walsh.

Mais informações: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions>

Recebido: 31/10/2018; Aprovado: 8/12/2018

Como citar: LEITE, Caroline Alciones de Oliveira. O que importa o que vem depois? [rese-
nha crítica da mostra Bruce Nauman: Disappearing Acts, Museum of Modern
Art, Nova York]. *Poiésis*, Niterói, v. 19, n. 32, p. 137-144, jul./dez. 2018.
doi: <http://dx.doi.org/10.22409/poiesis.1932.137-144>